

AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS, EDUCACIONAIS, CULTURAIS E ARTÍSTICAS NO BRASIL DO SÉCULO XIX: Considerações Preliminares

Henrique Guilherme Guimarães Viana¹

RESUMO

O presente artigo tece considerações e interfaces sobre as transformações sociais, educacionais, culturais e artísticas ocorridas no Brasil, no século XIX. Para tanto, será importante abordar as relações recíprocas entre sociedade e cultura, e uma breve reflexão histórica sobre a formação da cultura brasileira na colônia e no império.

Palavras-chave: sociedade e cultura, sistema educacional, arte e literatura românticas, Século XIX no Brasil.

ABSTRACT

This article presents considerations and interfaces on the social, educational, cultural and artistic transformations in Brazil in the nineteenth century. To do so, it will be important to address the interrelationships between society and culture, and a brief historical reflection on the formation of the Brazilian culture in the colony and empire.

Keywords: society and culture, educational system, Romantic art and literature, Nineteenth-century Brazil

INTRODUÇÃO

O século XIX é marcado por grandes transformações sociais, políticas e econômicas; é também o século de ouro da burguesia, da nova classe trabalhadora, dos novos gostos literários e artísticos, da vida no campo e nas grandes cidades, e a nobreza, por sua vez, perdendo seus privilégios viu-se substituída pelos ricos burgueses que constituíam novas atuações sociais à imitação dos nobres.

Alguns burgueses, enriquecendo na indústria, mesmo no Brasil, tentavam alcançar prestígio, comprando títulos e ornando os dedos com anéis brasonados. Outros se afirmavam na nova sociedade, apenas pelas suas funções, ou seja: membros do Governo, diplomatas, advogados, farmacêuticos, médicos, professores, funcionários públicos.

Por outro lado, nesse processo de transformação, a construção das primeiras estradas de ferro, da criação da fotografia, do telefone e do telégrafo permitiu o processo de racionalização das ciências atingirem seu auge; a expansão das máquinas a vapor, o desenvolvimento da eletricidade e outras inúmeras invenções que viriam a transformar a vida cotidiana fizeram do século XIX, o palco das grandes transformações tecnológicas e científicas.

Ainda mais, o universo diversificado da sociedade e da cultura brasileiras, num primeiro momento, compreende que sua formação histórica e cultural é um mosaico da influência da diversidade dos povos e etnias em que se constitui o povo brasileiro.

Portanto, o que se tem é um caleidoscópio de diferentes vertentes culturais que formam juntas, a cultura do Brasil. Evidentemente, depois de quase trezentos anos de colonização portuguesa, a cultura do Brasil é, em sua maioria, de matriz lusitana. Portanto, é essa herança cultural lusa que compõe a unidade do Brasil: apesar da pluralidade da nação e do povo brasileiro, a língua é a matriz religiosa, são os instrumentos identitários. Esta identidade linguística e religiosa é um fato raro para um país de enormes proporções, especialmente comparado-o com os países do Velho Mundo. Para o antropólogo Darcy Ribeiro:

A sociedade e a cultura brasileiras são conformadas como variantes da versão lusitana da tradição civilizatória européia ocidental, diferenciadas por coloridos herdados dos índios americanos e dos negros africanos. O Brasil emerge, assim, como um renovo mutante, remarcado de características próprias, mas atado geneticamente à matriz portuguesa, cujas potencialidades insuspeitadas de ser e de crescer só aqui se realizariam plenamente. (RIBEIRO: 1991, p. 16)

A partir da citação de Darcy Ribeiro, podemos entender que embora o Brasil seja um país de colonização predominantemente portuguesa, outros grupos étnicos deixaram influências profundas na cultura nacional, destacando-se neste cenário, os povos indígenas, os africanos, os italianos e os alemães, entre outros. Os indígenas e africanos deixaram suas influências e marcas no âmbito da música, da culinária, do folclore, do artesanato, dos caracteres emocionais e das festas populares do Brasil, assim como centenas de empréstimos à língua portuguesa. É importante evidenciar que algumas regiões receberam maior contribuição desses povos: nos estados do Norte têm forte influência das culturas indígenas, enquanto algumas regiões do Nordeste têm uma cultura bastante africanizada, sendo que, nas demais regiões, principalmente no sertão, há uma intensa e antiga mescla de caracteres lusitanos e indígenas, com menor participação da etnia africana.

Por outro lado, na região Sul do país as influências de imigrantes italianos e alemães são evidentes, seja na língua, culinária, música e outros aspectos. Outras etnias, como os árabes, espanhóis, poloneses e japoneses contribuíram para a formação da cultura do Brasil, porém, de forma mais reduzida. Nesse sentido, entende-se a importância para o processo de formação da cultura e da sociedade brasileiras através da interação e transculturação de diversos povos e etnias.

REFLEXÃO HISTÓRICA E CONTEXTUAL

No contexto histórico, basicamente durante a segunda metade do século XIX, a vida da sociedade brasileira passou por mudanças fundamentais nos campos políticos, sociais e consequentemente na forma de ver e entender a nova realidade que estavam vivendo.

Foi nesse período que se mudou a forma de governo, foi criada a Constituição, se iniciou a substituição do trabalho escravo pelo trabalho assalariado e as fazendas de café e outras lavouras brasileiras modernizaram-se. As cidades cresceram e nelas as primeiras indústrias se instalaram.

Para termos um melhor entendimento dessas mudanças sabemos que entre 1850 e 1860 ocorreu o que podemos chamar de surto industrial no Brasil, pois foram inauguradas no país setenta fábricas que produziam chapéus, sabão, tecidos de algodão e cerveja, artigos que até então vinham do exterior. Além disso, foi fundado quatorze bancos, três caixas econômicas, vinte companhias de navegação a vapor, vinte e três companhias de seguro, oito estradas de ferro. Criaram-se, ainda, empresas de mineração, transporte urbano, gás, etc.

Este processo de industrialização proporcionou, através dos anos, que províncias como São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais se tornassem polos de atração para que os colonos que, espremidos pelo latifúndio, se deslocassem para a cidade à procura de uma vida melhor, mais confortável financeiramente. Isto quer dizer que para os grandes fazendeiros, a vinda para a cidade significava que seus filhos poderiam frequentar escolas e faculdades, tomar contato com os jornais e revistas em circulação.

Surgiram, neste período, as primeiras grandes greves, pois o operariado, cujas condições de trabalho eram bastante precárias, tenta desenvolver uma ação política independente de oposição através das greves. A jornada de trabalho podia chegar a 16 horas e a mão de obra infantil e feminina era usada de maneira indiscriminada, não havendo nenhuma regulamentação salarial.

O SISTEMA EDUCACIONAL

Como dissemos anteriormente, as transformações ocorridas no século do ouro e da burguesia, mesclaram diversas áreas do conhecimento humano à proporção das necessidades pedagógicas, escolares, dos "...interesses...", da inserção de cursos profissionalizantes inclusive com acréscimos de disciplinas em diversos cursos, como medicina, o direito, a educação, a literatura, artes visuais, os cursos profissionalizantes bem como *"a praga do bacharelismo e das profissões liberais"*.

Para Sérgio Buarque de Hollanda, (1995, cap.6, p.155-56) a respeito do "bacharelismo".
"Ainda hoje são raros, no Brasil, os médicos, advogados, engenheiros e jornalistas, professores, funcionários que se limitem a ser homens de sua profissão."

Conforme nossos estudos e leituras, o século XIX ficou marcado, nas regiões do mundo em que a industrialização se firmou, pelo fenômeno da urbanização acelerada, que criou forte expectativa com respeito à educação, porque a complexidade do trabalho exigia melhor qualificação da mão-de-obra.

Nas regiões industrializadas, notadamente algumas regiões da Europa Ocidental e nos Estados Unidos, a idéia de Comênio, ainda no século XVII, de ensinar tudo para todos, da universalização do ensino, começou a se concretizar, com a intervenção cada vez maior do Estado para estabelecer a escola elementar universal, laica, gratuita e obrigatória.

Nesse sentido, e por esta finalidade contribuiu o nacionalismo crescente entre os diferentes povos, que levou à formação de novas nações, bem como à consolidação e fortalecimento do sentimento nacional naquelas já formadas, que com o objetivo de aumentar sua produção industrial e seu poder dentro da nova realidade em construção do capitalismo industrial, necessitavam de trabalhadores qualificados. Essa dinâmica estimulou a criação de escolas politécnicas. Esse nacionalismo contribuiu para que os educadores mirassem o objetivo da formação da consciência nacional e patriótica de seus concidadãos.

Nesse contexto, a educação passou assim de um caráter mais geral e universal para uma formação cívica. O Estado assumia cada vez mais o encargo da escolarização. Houve esforço para ampliar a rede escolar com grande atenção voltada para escola elementar, o surgimento da pré-escola, mas também com ampliação da rede secundária e superior.

O ensino secundário manteve a dualidade de ensino pelo ensino para a burguesia que buscava estudar no ensino superior, e ensino técnico para o trabalhador da indústria.

No ensino superior, as escolas politécnicas foram criadas para atender às necessidades decorrentes do avanço tecnológico. O interesse também se voltou para escolas de formação de professores, de preparação para o magistério. A metodologia de ensino assume forma mais rigorosa em função da consolidação das novas ciências humanas, sobretudo da psicologia.

Portanto, é durante o decorrer do século XIX em que o Brasil passou de colônia portuguesa a Império independente, a educação passou por transformações que as tendências da época impunham às sociedades ocidentais de então. A transformação política porém ocorreu de acordo com os objetivos da elite local com influência nas esferas do poder, que

queriam tomar para si o controle sobre os fluxos de capital e não mais cumprir com as obrigações fiscais junto à coroa portuguesa. Estes membros da sociedade tinham algum grau de consciência do valor da educação para o indivíduo, que o torna consciente das realidades científicas, das forças que agem na sociedade e liberta dos dogmas religiosos.

Por isso, muitos membros das camadas poderosas da sociedade encaminhavam seus filhos no processo educacional, da forma que consideravam mais adequada, em geral com investimento próprio, com professores particulares, nos níveis elementar e secundário e após, no nível superior enviavam os filhos para universidades na Europa.

Pode-se especular que os membros da elite da sociedade, com a intenção de manutenção de seu projeto de poder, temiam o esclarecimento das camadas menos favorecidas que então poderiam se revoltar contra a situação vigente e exigir mais direitos, podendo levar a revoltas populares autênticas com objetivos parecidos com as que ocorreram na Europa, para destronar reis e imperadores e os nobres associados.

O imperialismo/governo imperial, em todas as suas camadas não se preocupava com a educação elementar da população pobre, e sequer houve preocupação com algum método pedagógico tanto em nível elementar quanto no secundário, que assim adequou-se para preparar os alunos tão somente para o ensino superior.

Com a falta/ ausência de políticas educacionais aplicadas, porque houveram muitas discussões que chegaram à elaboração de leis auspiciosas, mas que nunca foram implementadas, a educação no Brasil, na prática foi se consolidando com perfil elitista e propedêutica, com poucas iniciativas que seguiam as tendências contemporâneas.

Nesse cenário de políticas, do governo imperial e a intenção de manutenção de seu projeto de poder, interfaceado, por tais questões está à educação e a pedagogia, explicitado aqui em linhas gerais bem como no Brasil do Século XIX. Assim, a educação é um fenômeno social, dinâmico, a partir das suas origens, raízes históricas e seus objetivos e funções, estando relacionado ao contexto político, econômico, científico e cultural de uma sociedade historicamente determinada, a partir de um modelo ideal de homem e sociedade.

A partir desse modelo ideal de homem e sociedade, ainda podemos inserir a educação como um processo pelo qual a sociedade forma seus membros em função dos seus "interesses". De tal conceito, pode-se deduzir que, não obstante a educação ser um processo constante na história de todas as sociedades, ela não é a mesma em todos os tempos e em todos os lugares, e se acha vinculada ao projeto de homem e de sociedade que se quer ver emergir através do processo educativo.

Demerval Saviani (1991, P.55) afirma que:

O estudo das raízes históricas da educação contemporânea nos mostra a estreita relação entre a mesma e a consciência que o homem tem de si mesmo, consciência esta que se modifica de época para época, de lugar para lugar, de acordo com um modelo ideal de homem e de sociedade.

A educação é, portanto, um processo social que se enquadra numa concepção determinada de mundo, a qual determina os fins a serem atingidos pelo ato educativo, em consonância com as ideias dominantes numa dada sociedade.

O fenômeno educativo não pode ser entendido de maneira fragmentada, ou como uma abstração válida para qualquer tempo e lugar, mas sim, como uma prática social, situada historicamente, numa realidade total, que envolve aspectos valorativos, culturais, políticos e econômicos, que permeiam a vida total do homem concreto a que a educação diz respeito.

Nesse sentido, tanto a teoria quanto as práticas educacionais desenvolvem-se, predominantemente, segundo os paradigmas dominantes num dado momento histórico, o que leva a educação a funcionar essencialmente como elemento reprodutor das condições científicas, políticas, econômicas e culturais de determinada sociedade.

Tomando por referência o desenvolvimento e as rearticulações do capitalismo em períodos diversos, percebe-se que a educação tem sido utilizada no sentido de dar suporte ideológico a esse sistema, constituindo-se ao mesmo tempo num elemento produtivo, pela qualificação de recursos humanos para o capital, embora algumas vezes essas funções sejam percebidas e provoquem reações.

Conforme Frigotto (1999, p. 26):

Na perspectiva das classes dominantes, historicamente, a educação dos diferentes grupos sociais de trabalhadores deve dar-se a fim de habilitá-los técnica, social e ideologicamente para o trabalho. Trata-se de subordinar a função social da educação de forma controlada para responder às demandas do capital.

Entende-se, então, que para os desafios que atualmente se apresentam à educação e às instituições formais de ensino sejam devidamente equacionados, faz-se necessário uma breve retrospectiva histórica, situando e analisando os paradigmas vigentes na sociedade, tomando como ponto de partida às transformações que caracterizam a Idade Contemporânea.

O SÉCULO XVIII

A segunda metade do século XVIII é assinalada pelas revoluções burguesas que trazem como consequência o fim do Absolutismo e a consolidação do capitalismo industrial. O século XIX, por sua vez, vem marcar o triunfo do liberalismo europeu, vinculado ao direito natural e também o triunfo do cientificismo, que se impondo de forma totalitária, nega as formas de conhecimento que não estejam de acordo com seus princípios epistemológicos e com suas regras metodológicas. O cientificismo, tomando por base as ideias de Newton e Descartes, estrutura-se segundo uma ótica mecanicista, que explica o universo a partir da linearidade determinista dos fenômenos e reconhece uma só natureza material, que engloba e explica tanto o mundo dos valores como o mundo dos fatos.

De acordo com tal modelo de análise, conhecer significa quantificar, dividir e classificar, devendo o pesquisador ser neutro, imparcial, analisando seu objeto de estudo segundo critérios de máxima objetividade. Destaca-se neste processo a contribuição de Descartes (1596-1650), cuja obra “Discurso do método”, apregoa os seguintes princípios: nenhum fenômeno deve ser acolhido como verdade, sem que se demonstrem evidências concretas; cada conceito deve ser dividido em quantas parcelas seja necessário, para que seja devidamente analisado; é necessário partir dos conceitos mais simples para os mais complexos, no sentido de conduzir, o conhecimento degrau a degrau, buscando enumerações tão completas e revisões tão gerais, que levem à certeza de que nada foi omitido.

Igualmente com o pensamento de Descartes, as ideias de Isaac Newton foram importantes para a estruturação da ciência moderna. Em sua obra “Princípios matemáticos da filosofia natural”, propõe uma complexa sistematização matemática da concepção mecanicista da natureza, representando o universo e o ser humano como uma máquina, que podem ser divididos e compreendidos a partir da razão. Tal visão do mundo máquina, que implica no raciocínio lógico-dedutivo passa, a impor-se como a única forma legítima de fazer ciência, com base no modelo explicativo mecânico-causal.

Portanto, é no século XIX que se inaugura a individualização das ciências sociais, e o modelo cientificista é estendido às mesmas, revelando-se, através do positivismo de Augusto Comte, que busca estudar os fenômenos sociais, utilizando o mesmo método aplicado às ciências naturais. Os pensadores modernos acreditavam que, graças à ciência, poderiam ser criadas condições mais adequadas de existência, não só biológica, mas também política e social.

Para Isidore-Auguste-Marie-François-Xavier-Comte (1798-1857): “[...] *defendia que todo saber do mundo físico advinha de fenômenos positivos (reais) da experiência, e eles seriam os únicos objetivos de investigação do conhecimento*”.

É através do positivismo que a cidade do Rio de Janeiro é considerada sua capital mundial e seu símbolo maior é o Pão de Açúcar. É também na cidade que é realizada a construção do Templo da Humanidade – Sociedade Positivista Brasileira. Assim, diversas influências ocorreram por influência do positivismo como: na música, o samba de Noel Rosa e Orestes Barbosa; nas Ciências Sociais, a criação da disciplina Sociologia; no governo/política, a Abolição da Escravatura; na Educação, a criação da Escola Militar e Escola Politécnica – país que não tinha um pensamento social “ainda” consolidado, o decreto de feriados e a separação entre igreja e estado; na literatura, as obras de Machado de Assis e Euclides da Cunha.

Assim, podemos (re) pensar a questão do ensino, das letras e da pedagogia nos primeiros anos no regime liberal, concluindo esta temática “Educação” como: para os defensores das novas ideias, a instrução devia ser para todos os cidadãos. Um ideal talvez muito difícil de atingir num país de analfabetos (por fontes estatísticas, quase 90% da população não sabia ler nem escrever).

Mesmo assim, logo nos primeiros anos do regime liberal, algumas medidas foram tomadas, o ensino primário passou a ser livre e um direito de cada cidadão; eram três anos de frequência obrigatória e mais um ano para os que assim o desejassem. Construíram-se muitas escolas e aumentou o ordenado dos professores; - um forte apoio ao ensino técnico foi dado por Fontes Pereira de Melo, com a abertura de escolas industriais, comerciais e agrícolas; - em 1861, foi criado, em Lisboa, o Curso Superior de Letras; no entanto, a reforma da Universidade não foi tão profunda como a dos outros níveis de ensino.

Aconteceu uma profunda reforma no ensino secundário, inspirada no sistema francês. Passou a incluir o estudo das ciências e das línguas vivas e, nos finais do século, o número de disciplinas aumentou. No entanto, os liceus só existiam nas principais capitais de distrito. As meninas só tinham acesso ao ensino secundário através de colégios ou de professores particulares.

Assim com todas as tentativas de reformulação/implantação, obediência a regimes políticos e outros, como o colonialismo/patriarcalismo, no campo educacional, temos a sensação, através de pesquisas, que a educação no Brasil desde a colônia. A organização do ensino na colônia era dirigida pela Companhia de Jesus, ordem religiosa incumbida pela coroa portuguesa para integrar às novas terras e os seus nativos “selvagens” ao mundo cristão e civilizado, a serviço da fé e do império, com a tarefa de civilizar “seres exóticos”, cuja essência humana admitia com certa desconfiança e pouca convicção, através de formas alternativas de ação pedagógica.

Portanto a educação nunca foi merecedora da devida atenção desde a colônia aos dias atuais, embora com significativas melhorias em todos os seus aspectos

didático-pedagógicos, do sistema educacional, ainda vivemos, numa espécie de rota de colisão?

1. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas – PPGLCH - Linha de Pesquisa: Gênero, Etnia e Identidade da Escola de Ciências, Educação, Artes, Letras e Humanidades da Universidade do Grande Rio / UNIGRANRIO / Campus I - Duque de Caxias - RJ.